



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE PERNAMBUCO

CAMPUS BELO JARDIM

CURSO DE LICENCIATURA EM MÚSICA

MAÉVE CRISTINA LUCAS DE OLIVEIRA

DIÁLOGOS ENTRE A LICENCIATURA EM MÚSICA E A GESTÃO CULTURAL

Belo Jardim

2021

MAÉVE CRISTINA LUCAS DE OLIVEIRA

DIÁLOGOS ENTRE A LICENCIATURA EM MÚSICA E A GESTÃO CULTURAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Música do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco, Campus Belo Jardim, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Música.

Orientador: Prof. Robson Rodrigues Ribeiro

Belo Jardim

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca Prof. Elny Sampaio

O48d	<p>Oliveira, Maéve Cristina Lucas de. Diálogos entre a licenciatura em música e a gestão cultural / Maéve Cristina Lucas de Oliveira. – 2021. 25 f. : il.</p> <p>Orientador: Prof. Me. Robson Rodrigues Ribeiro. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação - Licenciatura em Música) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco, Campus Belo Jardim, 2021.</p> <p>1. Licenciatura em Música. 2. Gestão Cultural. 3. Autoetnografia. I. Ribeiro, Robson Rodrigues, orientador. II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco. III. Título.</p> <p>CDD 780.7</p>
------	---

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE PERNAMBUCO
CAMPUS BELO JARDIM
DEPARTAMENTO DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL
COORDENAÇÃO DE LICENCIATURA EM MÚSICA

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC) DA DISCENTE

MAÉVE CRISTINA LUCAS DE OLIVEIRA

Aos oito dias do mês de outubro de dois mil e vinte e um, às dez horas, por meio de videoconferência utilizando a plataforma Google Meet, teve início a defesa do Trabalho de Conclusão de Curso da discente em formato de **artigo**, intitulado: **DIÁLOGOS ENTRE A LICENCIATURA EM MÚSICA E A GESTÃO CULTURAL**.

A banca examinadora foi composta pelos seguintes docentes: Prof. Me. Robson Rodrigues Ribeiro, presidente da banca e orientador; Prof. Me. Cesar Gabriel Berton e Profa. Me. Aliny Karla Alves de Freitas Lira, examinadores internos. Após a exposição oral da discente, cada membro da banca fez suas considerações sobre o trabalho. Em seguida, a banca reuniu-se reservadamente por videoconferência, utilizando a plataforma Google Meet, e decidiu **APROVAR** com nota **7,5 (sete e meio)** o trabalho, que fica sujeito à revisão para, em acordo com o orientador, incorporar as recomendações sugeridas. A versão final do trabalho deve ser entregue no prazo máximo de trinta dias a partir desta data, na coordenação do curso. Para constar, excepcionalmente a presente ata foi assinada única e exclusivamente pelo orientador do trabalho de conclusão do curso (TCC), em razão da necessidade de distanciamento social como uma das medidas de proteção e enfrentamento da emergência frente à pandemia – Covid 19.

Belo Jardim, 8 de outubro de 2021.

Prof. Me. Robson Rodrigues Ribeiro

Dedico a presente pesquisa à minha filha Marjorie Cecília, que me acompanhou durante um longo período na faculdade. Às minhas mães, que foram apoio durante toda uma vida, aos meus queridos professores, em especial ao meu orientador, que acreditou no meu potencial durante essa pesquisa e fez esse sonho tornar-se possível.

RESUMO

Neste estudo, busquei investigar os diálogos entre a Licenciatura em Música e a gestão cultural, com o objetivo de compreender como os saberes adquiridos na formação inicial de professores de música articulam-se às ações do campo da gestão cultural pública em dois municípios do Agreste pernambucano. Como objetivos específicos, procurei descrever ações e projetos desenvolvidos nos processos de gestão cultural e identificar a mobilização, direta ou indireta, de conhecimentos e habilidades próprios da formação inicial de professores de música nos processos de gestão cultural. Este estudo foi desenvolvido a partir de duas propostas metodológicas: a autoetnografia e o estudo de caso. Entretanto, ambas podem ser vistas aqui como estudos de caso, desde que se leve em conta que um dos casos diz respeito à minha experiência enquanto licencianda em música e gestora cultural, ao passo que o outro caso foi estudado a partir da experiência de um egresso da Licenciatura em Música do IFPE – campus Belo Jardim, o Professor X, que também passou a atuar como gestor cultural. Os resultados apresentados mostram que é possível gerir culturalmente a partir de conhecimentos adquiridos em uma Licenciatura em Música. No entanto, o estudo também deixou claro o déficit na formação de gestores culturais. No contexto desta investigação, compreendo que gestores culturais egressos de uma Licenciatura em Música tendem a ressignificar uma parcela dos conhecimentos e habilidades vivenciados na formação inicial (de professores), adequando-os às novas situações em sua função de gestão cultural. Por fim, compreendo que é possível ser educador musical e gerir culturalmente, porque a música, a educação e a cultura, estão interligadas. Mas destaco que há muito a se fazer para que gestores culturais e professores de música tenham as necessárias capacitações para atuar no mundo contemporâneo.

Palavras-chave: Licenciatura em Música; Gestão Cultural; Autoetnografia.

ABSTRACT

In this study, I sought to investigate the dialogues between the Degree in Music and cultural management, with the aim of understanding how the knowledge acquired in the initial training of music teachers is linked to actions in the field of public cultural management in two municipalities in the Agreste region of Pernambuco. As specific objectives, I tried to describe actions and projects developed in cultural management processes and identify the mobilization, direct or indirect, of knowledge and skills acquired in the initial training of music teachers to deal with processes and projects in cultural management. This study was developed from two methodological proposals: autoethnography and case study. However, both can be seen here as case studies, as long as one takes into account that one of the cases concerns my experience as a music student and cultural manager, while the other case was studied from the experience of an alumnus of the Degree in Music at IFPE – Belo Jardim campus, Professor X, who also started to act as cultural manager. The results presented show that it is possible to manage culturally from knowledge acquired in a Degree in Music. However, the study also made clear the deficit in the training of cultural managers. In the context of this investigation, I understand that cultural managers who graduated from a Degree in Music tend to reframe a portion of the knowledge and skills experienced in the initial training (of teachers), adapting them to new situations in their cultural management function. Finally, I understand that it is possible to be a music educator and manage culturally, because music, education and culture are interconnected. But I emphasize that there is a lot to be done so that cultural managers and music teachers have the necessary training to act in the contemporary world.

Keywords: Bachelor's Degree in Music; Cultural Management; Autoethnography.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	DIALOGANDO COM OS CONCEITOS E A METODOLOGIA.....	8
2.1	Autoetnografia	8
2.2	Gestão cultural	9
2.3	Licenciatura em música.....	11
2.4	Considerações metodológicas.....	13
3	DIALOGANDO COM AS EXPERIÊNCIAS	15
3.1	A experiência do outro	15
3.2	A minha própria experiência.....	19
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
	REFERÊNCIAS	25

1 INTRODUÇÃO

Neste estudo, busco investigar os diálogos entre a Licenciatura em Música e a gestão cultural, com o objetivo de compreender como os saberes adquiridos na formação inicial de professores de música articulam-se às ações no campo da gestão cultural pública em dois municípios do agreste pernambucano. Desse modo, dois casos serão apresentados, ambos envolvendo pessoas que atuavam na gestão cultural no momento da coleta de dados e que foram ou são alunos da Licenciatura em Música do IFPE, campus Belo Jardim/PE. Do ponto de vista metodológico, esses dois casos apresentam características diversas, uma vez que uma dessas pessoas é a própria pesquisadora. Assim, a pesquisa envolve tanto características do estudo de caso quanto da autoetnografia.

A autoetnografia mostrou-se um caminho metodológico promissor para desvelar a articulação entre a Licenciatura em Música e minha experiência pessoal na gestão de cultura do município de Belo Jardim. Como graduanda da Licenciatura em Música, através desse estudo tive a oportunidade de realizar um “passeio reflexivo” por minhas vivências como gestora de cultura e também trazer as vivências de um egresso do mesmo curso que atua como gestor de cultura em outro município do agreste, que chamarei de Professor X. São duas experiências diferentes, mas que podem iluminar um pouco essa relação entre a formação inicial em uma área e a atuação em outra. Conforme será mostrado adiante, existe um percentual de egressos das Licenciaturas em Música que atua em áreas fora da música, o que justifica o interesse nesse tema.

O objetivo geral do estudo foi compreender como os conhecimentos construídos durante o curso de Licenciatura em Música são mobilizados nas ações do/a gestor/a cultural que atua na esfera pública municipal. Como objetivos específicos, procurei descrever ações e projetos desenvolvidos nos processos de gestão cultural e identificar a mobilização, direta ou indireta, de conhecimentos e habilidades próprios da formação inicial de professores de música nos processos de gestão cultural.

O trabalho está estruturado em três seções, distribuídas nos capítulos seguintes. No capítulo 2, serão apresentados conceitos relevantes que nortearam a realização da investigação. No capítulo 3, os dois casos serão relatados e discutidos e, para finalizar, apresentarei algumas considerações finais no Capítulo 4.

2 DIALOGANDO COM OS CONCEITOS E A METODOLOGIA

2.1 Autoetnografia

Semelhantemente à etnografia, a autoetnografia imerge o pesquisador nos registros descritivos do fenômeno pesquisado. No entanto, o pesquisador deixa de ser estranho ao objeto de pesquisa e passa a analisar um ambiente familiar, o que leva pesquisadores mais tradicionais a questionar sua confiabilidade, alegando que há uma subjetividade excessiva em suas asserções. Mas, ao mesmo tempo em que a autoetnografia é descredibilizada por alguns, outros a defendem ao afirmar que:

Autoetnografia é uma construção conceitual e teórica. Não se limita a técnica da observação participante. Autoetnografias não são etnografias, embora façam parte da mesma família. Em ambos os casos, o pesquisador deve estar próximo de uma comunidade, deve desenvolver um trabalho de campo extenso, uma pesquisa de natureza exploratória através de dados não estruturados. Ocorre que para a primeira, o pesquisador é estranho ao ambiente observado enquanto que na segunda o pesquisador faz parte de ambiente que não lhe é estranho. Um autoetnógrafo, tal qual o etnógrafo, se debruça sobre um fenômeno cultural. Contudo, na autoetnografia, o pesquisador faz parte do contexto pesquisado. Por isso, tem acesso a um conhecimento privilegiado, familiar e naturalizado, o que pode tornar a pesquisa mais rica, densa e aprofundada. (ARAÚJO; DAVEL, 2018, p. 194-195)

A autoetnografia considera a experiência do pesquisador, experiência esta que é segregada em outros métodos de pesquisa. Afastar a experiência pessoal do pesquisador do fenômeno sob investigação implica perder os aspectos relativos ao mundo emocional e intuitivo de quem pesquisa. A autoetnografia transforma o olhar, antes embaçado pela lente distanciada, em um olhar meticuloso, sensível e autorreflexivo:

A autoetnografia é ao mesmo tempo uma narração e uma investigação porque dá origem, a partir de uma perspectiva pessoal e autobiográfica, a um enfrentamento com a cultura, situando o investigador dentro de uma série de autorreflexões, interações e reconhecimentos de emoções que lhe permitem construir com outros uma confrontação de posicionamentos que ampliam e reconstróem novos conceitos desta realidade.¹ (REED-DANAHAY, 1997 *apud* MONTERO-SEIBURTH, 2006, p. 8, tradução minha)

¹ La auto etnografía es a su vez una narración e investigación porque genera desde una perspectiva personal y autobiográfica un enfrentamiento con lo cultural, situando al investigador dentro de una serie de autorreflexiones, interacciones y reconocimientos de emociones que le permiten construir con otros una confrontación de posicionamientos que amplían y reconstruyen nuevos conceptos de esta realidad.

A autoetnografia vem sendo utilizada por diversos pesquisadores, principalmente no campo das Ciências Sociais. Araújo e Davel (2018, p. 195) afirmam que pesquisas autoetnográficas têm sido feitas em áreas como: identidades culturais, gênero, sexualidades, gestão de pessoas, educação, ensino e aprendizagem, gestão da cultura, artes e mercado, políticas públicas, entre outras. Ainda assim, podemos afirmar que a literatura brasileira sobre a autoetnografia é incipiente, dificultando sua apropriação e aplicação em pesquisas nos campos da música e da gestão cultural.

Contudo, alguns exemplos de pesquisa autoetnográfica já podem ser encontrados na literatura científica brasileira, na área de música, como o texto de Benetti (2013), que apresenta uma pesquisa autoetnográfica no âmbito da performance musical. Neste trabalho, o autor destaca que:

Outra vantagem da utilização do modelo autoetnográfico de pesquisa reside no compromisso com a realidade durante investigação. Ou seja, a autoetnografia valoriza aspectos frequentemente negligenciados que são primordiais em termos de pesquisa artística, dá voz à emoção e aspectos subjetivos da personalidade que podem ter um importante papel no entendimento e interpretação musical. (BENETTI, 2013, p. 160)

Sendo esta pesquisa parcialmente autoetnográfica, analiso, sob minha perspectiva, como mobilizei recursos (conhecimentos formais e não formais, competências, habilidades etc.) vivenciados no curso de Licenciatura em Música para atuar na área da gestão cultural, apoiando-me na experiência pessoal enquanto graduanda em música e gestora cultural, simultaneamente.

2.2 Gestão cultural

Ao pensar em cultura, lembro-me das brincadeiras de infância que ainda estão vívidas em minha memória. Na infância, elas são alicerces para a descoberta do mundo e de si mesmo de uma forma lúdica, criando elos, sentimentos, interações. Assim como a cultura, e porque fazem parte dela, as brincadeiras infantis constituem um tipo de linha invisível que nos permite transitar no que somos e no lugar de onde viemos. Cultura é pertencimento e possibilidades. É o que estrutura uma sociedade e sem o que não existimos. Barros (2007, p.2) afirma que:

Por cultura penso, como a Antropologia o faz, um processo através do qual o homem atribui sentidos ao mundo. Códigos através dos quais pessoas, grupos e sociedades classificam e ordenam a realidade. A cultura é a instância onde o homem realiza sua humanidade.

Sendo assim, podemos compreender a gestão cultural como uma forma de administrar algumas nuances da cultura, especialmente considerando a produção de bens materiais ou simbólicos, na esfera pública ou privada, e analisando a perspectiva de cada lugar em sua singularidade e unicidade.

Na contemporaneidade, a gestão cultural tem sido considerada uma profissão:

Assim, podemos considerar que a gestão cultural é uma profissão contemporânea complexa que, além de estabelecer um compromisso com a realidade de seu contexto sociocultural, político e econômico, tem ainda o desafio de estruturar um processo formativo para esses profissionais, seja no ambiente não formal, seja na academia. A gestão cultural já é reconhecida por seu papel na mediação entre as instâncias políticas e a sociedade, tanto no meio empresarial quanto no meio artístico e no relacionamento com o público. E essas são ações cada vez mais especializadas. (CUNHA, 2011, p. 36)

Contextualizando a profissão, no Brasil há duas características que marcam a gestão cultural no setor público. A primeira é o déficit na formação de gestores culturais, o que dificulta o desenvolvimento do trabalho de gestão em patamares profissionais e frequentemente implica em atuações amadorísticas e com baixo impacto na sociedade. A segunda, amplamente conhecida da população, é a inegável e persistente desvalorização da gestão das atividades culturais pelo poder público. Esta desvalorização varia de acordo com o mandatário que está no poder, ora atenuando-se, ora aprofundando-se, mas em raras ocasiões é possível destacar uma atuação do poder público, em especial na esfera municipal, que priorize a gestão cultural como meta de governo. Ao contrário, a situação corriqueira no Brasil é a negação de recursos para o fomento e desenvolvimento da cultura.

Assim, atualmente contamos com profissionais sem acesso à formação, em sua maioria, e, conseqüentemente, não capacitados para lidar com as necessidades gerais e específicas das comunidades às quais devem servir. Tendo em vista que a cultura é (ou pode ser) um dos maiores polos da economia brasileira, sem mencionar sua importância como fator de coesão e pertencimento social, tanto local quanto nacionalmente, é urgente refletir e atuar no sentido de propor iniciativas que visem a ampliação da profissionalização da área. Nesse sentido, Cunha (2011, p. 37) afirma que:

O nosso maior desafio é estarmos cientes de que ainda estamos lidando com uma profissão relativamente nova e com necessidades prementes de definição das suas competências, dos seus saberes, das suas habilidades e do seu campo de atuação.

2.3 Licenciatura em música

De acordo com o Art. 62 da LDB (BRASIL, 1996), “a formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura plena”. Desta forma, a licenciatura tem como função principal formar professores para a educação básica. Geralmente essa formação ocorre em uma área específica, o que possibilita a criação de licenciaturas diversas: licenciatura em matemática, em química, em biologia, em música etc.

Sendo assim, é possível imaginar que a única possibilidade de atuação de um egresso da licenciatura seja a escola de educação básica, mas no caso da Licenciatura em Música a realidade mostra-se diferente. Na minha experiência durante o curso da Licenciatura em Música do IFPE, campus Belo Jardim, percebi que vários colegas estudantes atuavam como professores, mesmo antes de se formarem. No entanto, tratava-se na maioria das vezes de uma atuação fora da escola, em ambientes não formais ou em ambientes formais de feição conservatorial. Esta atuação era caracterizada em larga escala pelo ensino de instrumentos musicais ou de conteúdos relacionados à teoria necessária à leitura de partituras. Também era comum encontrar colegas que atuavam em áreas afins e até mesmo em áreas diferentes. Como os estudantes da Licenciatura em Música em geral são também músicos, em vários estágios de profissionalização, não é difícil encontrá-los atuando nos palcos ou em outras cenas profissionais da área, ou ainda aqueles que mantêm vínculos em outras áreas, como a gestão cultural.

Em pesquisa recente, Costa (2020) traça o panorama da inserção profissional dos egressos do curso de Licenciatura em Música da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN) formados entre 2008 e 2018. Embora não represente a realidade do país como um todo, o estudo pode ser um referencial para compreender o que acontece em outras regiões. Os resultados da pesquisa de Costa (2020) mostram que apenas 42,2% dos egressos da Licenciatura em Música da UERN no período investigado atuavam diretamente como professores de música na escola de educação básica no primeiro emprego após a graduação (ver Tabela 1, adiante), além de outras informações que merecem consideração.

É significativo o fato de Costa (2020) ter encontrado um percentual inferior a 50% dos egressos da Licenciatura em Música atuando na educação básica. Isto significa que, para a maioria dos egressos, o curso não proporcionou uma inserção profissional em acordo com a sua formação inicial. Várias conjecturas poderiam ser levantadas a respeito desse achado, como a baixa demanda dos sistemas educativos por professores de música ou a ausência de motivação para atuar como professor nas escolas de educação básica, mas é inequívoco que esse dado acende um

alerta para realidade atual da formação que é oferecida nos cursos de Licenciatura em Música e a vinculação dessa formação com a realidade do país e com as expectativas dos estudantes.

Tabela 1 – Cargos/funções exercidas no 1º emprego após a graduação

CARGOS/FUNÇÕES EXERCIDAS NO 1º EMPREGO APÓS A GRADUAÇÃO	TOTAL	PORCENTAGEM
Instrumentista ou cantor de banda ou orquestra baile	4	3,4%
Regente de banda de música (militar, marcial, fanfarra, filarmônica)	11	9,4%
Integrante de banda de música (militar, marcial, fanfarra, filarmônica)	2	1,7%
Professor(a) de música (artes/música) na educação básica	49	42,2%
Professor(a) de música em escolas específicas	9	7,7%
Regente de coro	2	1,7%
Regente de orquestra filarmônica (sinfônica, filarmônica)	1	0,9%
Professor de música no ensino superior	2	1,7%
Outras	13	11%

Fonte: Costa (2020, p. 82)

Além disso, Costa (2020, p. 82) afirma que:

No período após a graduação, 15 egressos (13%) continuaram exercendo funções fora da música, quais sejam: porteiro, frentista, motorista, pastor evangélico, secretário, vigia, tele atendente, gerente, secretário de educação, auxiliar administrativo, pedagoga, reciclador em gráfica, coordenadora de cultura, agente administrativo, etc., ou seja, no primeiro momento após a conclusão do curso, apesar de serem portadores de um diploma de ensino superior, esses egressos continuaram exercendo funções diferentes de suas formações. Dessa forma, é possível afirmar que, mesmo graduados, 13% dos egressos em Música da UERN estiveram em uma situação de sobrequalificação.

Considero que não é necessário aceitar o argumento da “sobrequalificação” proposto por Costa (2020), pois em alguns casos mencionados na citação acima ele não se aplica. Por exemplo, a função de “secretário de educação” não estaria “abaixo” da qualificação proporcionada por uma licenciatura. Por isso, talvez seja mais adequado caracterizar as situações relatadas como casos de formação não alinhada à função exercida, podendo ocasionalmente haver exemplos de sobrequalificação. Em todo caso, o destaque a ser feito é que existia, no contexto investigado, um percentual significativo de egressos da Licenciatura em Música (totalizando 24% dos participantes

do estudo)² que exerciam funções fora da área música logo após a conclusão do curso e que o percentual de egressos atuando em funções não alinhadas à formação inicial é ainda maior (se contabilizarmos todos os que não atuam como professores). De acordo com Costa (2020), esta situação mudou ao longo do tempo, havendo uma migração dos egressos para atividades dentro da área de música³. É possível concluir, então, que um número significativo de estudantes ou egressos da Licenciatura em Música atua em áreas fora da música, ainda que essa tendência diminua ao longo do tempo.

É exatamente neste ponto que minha pesquisa se coloca, ao investigar a atuação em uma área fora da música de duas pessoas com formação no curso de Licenciatura em Música. Nos casos aqui relatados, meu interesse recaiu sobre as relações que existem entre a atuação do gestor cultural e a formação oferecida na Licenciatura em Música. Os perfis dos participantes desta pesquisa corroboram os dados apresentados por Costa (2020), uma vez que tanto eu quanto o Professor X cursamos a Licenciatura em Música e atuamos na gestão cultural municipal em cidades do agreste pernambucano. No caso do professor X, no momento da coleta de dados ele era egresso do curso de Licenciatura em Música e atuava simultaneamente como professor de música e como gestor cultural. Já no meu caso, atuei como gestora cultural durante o curso de Licenciatura em Música.

2.4 Considerações metodológicas

Desenvolvi este estudo a partir de duas propostas metodológicas: a autoetnografia e o estudo de caso. Entretanto, ambas podem ser vistas aqui como estudos de caso, desde que se leve em conta que um dos “casos” diz respeito à minha própria experiência enquanto licencianda em música e gestora cultural, ao passo que o outro “caso” foi estudado a partir da experiência de um egresso da Licenciatura em Música do IFPE – campus Belo Jardim, o Professor X, que também passou a atuar como gestor cultural.

Ressalto, todavia, que as estratégias metodológicas utilizadas foram simplificadas para a realização deste trabalho de conclusão de curso, que é minha primeira experiência com pesquisa.

² A amostra total do estudo de Costa (2020) foi de 116 participantes. É necessário reparar que a Tabela 1, retirada de Costa (2020), mostra apenas 93 desses participantes. No texto, a autora informa que 8 participantes prosseguiram para estudos de pós-graduação e 15 participantes continuaram com trabalhos fora da área da música após o curso, totalizando 116 participantes. Somando-se os 13 participantes classificados na Tabela 1 na categoria “Outros” com os 15 participantes que continuaram com trabalhos fora da área de música após o curso, obtém-se um total de 28 participantes que trabalham em área diferente da música, o que corresponde a um percentual de 24% da amostra.

³ Na última classificação, que trata dos empregos “atuais”, a autora relata que apenas 4,3% dos egressos informaram atuar em outra área diferente da música.

Penna (2015, p. 110) argumenta que pesquisas realizadas por estudantes de graduação, por terem – possivelmente – um foco mais reduzido, às vezes são caracterizadas como derivações de outras metodologias, como o estudo de caso, por exemplo. A autora afirma que o pesquisador iniciante pode optar por uma adaptação de um determinado processo metodológico, simplificando o processo de pesquisa. Isso acontece, por exemplo, quando o estudante-pesquisador investe em apenas uma fonte de dados, ao invés de buscar uma triangulação de várias fontes, o que exigiria a atuação de um pesquisador mais experiente. Dessa forma, a pesquisa assim realizada apresenta-se como uma derivação do estudo de caso, mas pode ser mais bem caracterizada como uma “pesquisa qualitativa com base em entrevistas”, quando a fonte de dados são apenas as entrevistas. Outras derivações também seriam possíveis e aceitáveis.

Na minha pesquisa, o caso do Professor X foi estudado a partir de uma entrevista semiestruturada. Já o meu caso (autoetnográfico) foi estudado a partir do seguinte processo metodológico: num primeiro momento, fiz um breve registro escrito de dez projetos que considerei importantes em minha atuação como gestora cultural; a partir desse registro, selecionei três projetos dentre os dez e fiz outro registro escrito com detalhes que não apareciam no primeiro registro, buscando evidenciar não só as ações realizadas, mas também meus pensamentos e sentimentos relacionados ao projeto. Assim, os dados da pesquisa são a transcrição da entrevista com o Professor X e o registro detalhado de três projetos nos quais me envolvi enquanto gestora cultural.

A perspectiva de análise adotada foi aquela defendida por Penna (2015, p. 153), que afirma ser possível “assumir o caráter descritivo e interpretativo da pesquisa qualitativa, estabelecendo algumas diretrizes básicas para a análise, sem precisar recorrer a técnicas específicas”. Nesse sentido, uma análise descritiva e interpretativa dos dados foi realizada no sentido de buscar descobrir pontes de diálogo entre as vivências na Licenciatura em Música e a atuação na gestão cultural, ou seja, as pontes que levam os conhecimentos ou habilidades adquiridos na formação inicial até sua mobilização para atender necessidades em outra área não alinhada diretamente a essa formação.

3 DIALOGANDO COM AS EXPERIÊNCIAS

3.1 A experiência do outro

O participante “externo” desta pesquisa (“externo” no sentido de que a outra participante sou eu mesma) será referido como o Professor X. Ele atua na gestão cultural de um município da região do agreste de Pernambuco. Além disso, atua também como professor concursado da rede municipal de outro município do agreste, conforme ele mesmo declarou:

Eu leciono em [cidade do agreste], como professor. Apesar de eu ter passado num concurso, por eu ser formado em música, o concurso foi para professor de Artes. Então, assim, eu tenho que dar aula de outras linguagens artísticas, além da música. Então, aí eu tenho que dar aula sobre cinema, literatura, que envolve a poesia, é... as outras linguagens artísticas, cinema, etc., artes plásticas, artes visuais, a história das artes e tal. (PROFESSOR X, entrevista em 2018)

Além disso, o Professor X também deixa claro que:

Eu sou professor e também trabalho profissionalmente com música, [ou seja, também posso] fazer um trabalho de tocar, fazer uma gravação. Então, assim, eu não fico, digamos assim, eu não tenho uma agenda de horário que eu cumpra ali [na Secretaria de Cultura] cem por cento. (PROFESSOR X, entrevista em 2018)

Como se pode perceber, o Professor X acumula as funções de professor e de gestor cultural e, além disso, faz também trabalhos eventuais como músico *freelancer*. Tal como muitos professores que atuam na escola de educação básica em nosso país, o Professor X precisa dividir o seu tempo entre atividades profissionais em campos distintos da música, ou até entre atividades musicais e outras que não são da área específica de música. Destacamos, ainda, que sua atuação na escola não é inteiramente voltada para a área de sua formação, que é a música. Essa realidade tem sido muito comum aos professores da área de Arte, conforme verificado por Oliveira e Penna (2019).

No contexto do trabalho como professor de uma escola pública, é possível imaginar que o Professor X seja frequentemente chamado pela direção da escola para participar de eventos culturais, ou até mesmo para organizá-los. Esse fato é corriqueiro e já foi documentado em diversas pesquisas da área de educação musical. Assim, não seria inadequado inferir que em sua atuação na escola o Professor X tenha de mobilizar conhecimentos adquiridos enquanto gestor cultural. Assim também, é possível inferir que isso ocorre até mesmo em sua prática docente, uma

vez que ele lida com várias linguagens artísticas em sala de aula, tal qual um gestor cultural tem que fazer em relação às demandas dos variados contextos artísticos do município.

No entanto, buscando atender os objetivos de pesquisa propostos, identificamos na fala do Professor X alguns aspectos que mostram influências da Licenciatura em Música sobre seu trabalho de gestão cultural. Por exemplo:

É, em se tratando aqui de [cidade em que atuo como gestor cultural], eu acho que, entre algumas ações importantes que a gente conseguiu desenvolver, eu creio que inscrever o município no Sistema Nacional de Cultura foi algo relevante, não é?, porque até então o município não estava inscrito e a gente conseguiu fazer isso. A partir disso, se tem outras etapas para que o município possa, é... digamos assim, lucrar dessa ação, mas aí são... são outros processos. No entanto, a minha parte eu fiz, que era inscrever o município. Teve todo um trâmite documental e tal. (PROFESSOR X, entrevista em 2018)

Na fala acima, é possível identificar pelo menos dois elementos que permitem uma analogia entre a Licenciatura em Música e a Gestão Cultural, indicando influências mútuas. Em um primeiro momento, percebe-se que o Professor X atribui grande importância à inscrição municipal no Sistema Nacional de Cultura, o que aponta para uma preocupação com a formalização das ações de gestão. Um gestor cultural que tenha passado pela formação em uma licenciatura provavelmente estará muito mais consciente da importância desta ação do que outro que não tenha tido a mesma formação. Isto ocorre porque a formação de professores continuamente reforça a necessidade da atuação profissional docente vinculada às ações formais da escola. Em um segundo momento, o Professor X destaca que, ao realizar a inscrição mencionada, teve que lidar com um intenso trâmite documental. Embora os documentos tratados neste processo certamente tenham sido diferentes daqueles que qualquer professor encontra em seu processo formativo durante a licenciatura, consideramos que os saberes vivenciados e adquiridos durante o curso propiciaram ao Professor X ao menos alguma familiaridade com o manuseio e o entendimento de documentos oficiais.

Enquanto gestor cultural, percebemos que um dos poucos contatos do Professor X com a música foi durante a reestruturação da banda musical do município:

É... e também a gente tá reestruturando a Banda Filarmônica Santo Antônio, que é uma banda de música que tem quase noventa anos e tava numa situação bem difícil. Ela agora tá, tá melhorando, aí já conseguiu fazer manutenção dos instrumentos, então os instrumentos estão funcionando de maneira bacana pra que o estudante possa... possa manusear sem problema [inaudível]. Na banda de música é o que mais tem é instrumento com liga, com poliepox e graças a Deus aqui o instrumental da gente tá bem, tá bem conservado, a gente tá numa sede melhor do que a sede anterior. Como a banda não tem sede própria, a gente tem

que alugar, então assim esse lugar aqui é bem legal, é... a gente conseguiu doação pra banda através da deputada fede... estadual Laura Gomes, então aí a gente comprou um *datashow* pra banda, porque é mais uma ferramenta didática pra o maestro, entendeu?, utilizar ou qualquer pessoa que venha dar aula. (PROFESSOR X, entrevista em 2018)

É notável na fala do Professor X uma preocupação com a Banda Filarmônica Santo Antônio e com a manutenção dos instrumentos, aproximando seu olhar de educador musical à gestão cultural. Entendendo que a maioria dos gestores culturais não tem formação na área, conforme mencionado anteriormente, é possível inferir que a formação do Professor X na Licenciatura em Música tenha influenciado suas ações em relação à banda o município, ações que talvez outro gestor com formação em uma área diversa provavelmente não priorizaria. Além disso, a inquietação do Professor X com a manutenção dos instrumentos, para que os alunos pudessem ter um melhor aproveitamento no aprendizado, revela uma atenção diferenciada em relação ao processo educativo, o que está diretamente ligado à sua formação acadêmica. A preocupação com os aspectos educativos também se revela na fala acima através do cuidado com a sede da banda e com ferramentas que facilitem os processos de ensino e aprendizagem (*datashow*, por exemplo).

Assim como no seu exercício enquanto educador musical, onde também leciona outras linguagens artísticas, o Professor X, como gestor cultural, lida todos os dias com várias linguagens artísticas, incluindo o cinema:

A gente conseguiu desenvolver aqui na cidade um projeto chamado Cinema na comunidade, onde a gente pega a sétima arte e leva pra população que tem menos acesso a bens culturais, né e tal, a gente consegue fazer isso, a gente olha tanto na zona rural como também na zona urbana. (PROFESSOR X, entrevista em 2018)

Podemos observar na fala acima que o Professor X tem uma preocupação com a democratização do acesso à arte. Tal preocupação é partilhada pelos professores de música em seus contextos e processos de educação musical, pois numa sociedade tão desigual como a nossa, uma das funções da educação musical escolar é proporcionar o acesso à música – e à arte de forma geral – a todas as pessoas, permitindo-lhes tanto o usufruto como a produção da arte em suas mais diversas manifestações. Apesar de o cinema não ser a linguagem artística da formação inicial do Professor X, certamente os conhecimentos e os ideais democráticos da educação musical discutidos durante a Licenciatura em Música podem ser percebidos em sua ação de democratização do acesso ao cinema para todas as pessoas.

Outra preocupação do Professor X, semelhante a essa que foi discutida, é assegurar a inclusão e o desenvolvimento dos produtores e fazedores de cultura do município:

Na etapa que a gente tá fazendo agora, eu tô é inscrevendo e cadastrando os produtores culturais no CPC, que é o Cadastro do Produtor Cultural do estado, para que eles possam acessar, não é?, os editais de cultura do estado voltados pra várias linguagens artísticas e aqui a gente tem muito bons artistas [...]: tem o movimento aqui de quadrilha que já existe há um tempo, nós temos aqui pintores, inclusive eu tô dialogando com o Sesc de Belo Jardim pra sala do Sesc fazer uma reunião com os pintores [...], que eles têm obras bem interessantes, aqui a gente também tem poetas, tem pessoas que escrevem muito bem, tem Luiz [inaudível], que gosta de mexer com fotografia, então assim, eu acho que a grande, assim, o bacana que a gente tem conseguido fazer nesses dois anos aí é detectar esses fazeres culturais, essas tradições culturais, a Mazurca também, tem apoiado a Mazurca e tentar manter isso vivo, sempre vivo. (PROFESSOR X, entrevista em 2018)

Tal como um profissional da educação contempla as possibilidades e potencialidades dos educandos, o olhar cuidadoso do Professor X para os diversos artistas da cidade revela sua preocupação com a devida valorização dessas pessoas e sua luta para que tenham espaços assegurados de trabalho e desenvolvimento. Como gestor, o Professor X preza para que essas pessoas sejam reconhecidas e ocupem lugares que também são para elas na sociedade. Nesse sentido, percebemos que a inclusão é – ou deve ser – uma agenda tanto do professor quanto do gestor de cultura.

Assim como na educação, a gestão cultural exige planejamento para que seus objetivos sejam alcançados:

O que se tem é um planejamento. Eu faço o planejamento em vários aspectos da área cultural onde que gente tem que melhorar, que tem que investir e aí eu traço calendário e a partir desse calendário eu vou atuando. Por exemplo, eu fiz um calendário pra essa semana onde eu iria organizar a questão do novo fardamento da banda, ver os preços já de material de som para o carnaval, fazer uma agenda com o Secretário de Cultura do Estado, aliás, essa entrevista tava pra começar e você viu que eu recebi a ligação da secretária dele dizendo que tá agendado, o novo Secretário de Cultura do estado, a reunião que eu tive com o Prefeito também para apresentar a ele o que eu tô pensando e o que pode ser feito e dialoguei com ele pra gente traçar um plano de ação para o ano e aí a gente vai correndo atrás. (PROFESSOR X, entrevista em 2018)

Na Licenciatura em Música, vários componentes curriculares enfatizam a importância e a prática das atividades de planejamento no processo de educação musical. Entre esses componentes, destacam-se a Didática, a Metodologia do Ensino de Música e, de maneira especial, o Estágio Supervisionado. Neste último, o/a estudante realiza um período de observação e

diagnóstico da realidade escolar em que realiza seu estágio, após o qual elabora um plano de intervenção pedagógica. Posteriormente, o plano deve ser posto em prática e avaliado. Na gestão cultural não é diferente. Para melhor atender as necessidades das ações de gestão cultural em um município, é necessário planejamento. O Professor X, que exerce a função de educador e gestor simultaneamente, evidencia que conhecimentos de sua formação acadêmica são mobilizados quando traça um plano de ação para sua atuação enquanto gestor, de maneira semelhante ao que faz o educador quando traça seu plano anual ou seus planos de aulas.

Por fim, o Professor X aponta de forma mais direta que mobilizou conhecimentos da Licenciatura em Música na gestão cultural quando relatou a elaboração de projetos para captação de recursos:

Quando eu fui escrever os projetos, [...] toda a parte de capa, a introdução, o desenvolvimento, a coisa didática, inclusive para tentar conseguir patrocínio aqui para os eventos, eu tive que me valer da minha formação, notoriamente quando você passa pela graduação e licenciatura, principalmente, você aprende que você precisa ser didático. Você precisa ser acessível naquilo que você quer dizer. Agora, quando eu vou escrever uma letra de música, tô nem aí para ser didático. Neste caso [dos projetos], você tem que ser didático, você tem obrigação, porque as pessoas precisam entender o que você quer e o que aquilo ali realmente representa. Então a licenciatura é fundamental, você lembra de todas aquelas aulas de metodologia científica e todos os artigos que você participou, PIBID, PIBEX, PIBIC... então ajuda bastante, muito. (PROFESSOR X, entrevista em 2018)

Diante do que foi exposto, considero que o caso do Professor X apresenta uma intensa mobilização de conhecimentos e habilidades construídos durante o período da Licenciatura em Música em sua atuação como gestor cultural. Consciente ou inconscientemente, suas ações e decisões são constantemente influenciadas por sua formação inicial como professor de música. Nesse sentido, ainda que não seja avaliada como a mais adequada para a situação, é possível afirmar que a formação em um curso superior de Licenciatura em Música possibilitou uma atuação diferenciada do Professor X na gestão cultural do município, orientando suas ações na direção da valorização das pessoas envolvidas nesses processos, o que caracteriza também os processos educacionais.

3.2 A minha própria experiência

Cheguei à Secretaria de Cultura de Belo Jardim para ocupar o cargo de gestora cultural ainda cursando a Licenciatura em Música. Nesta época, estava terminando as atividades da monitoria do Estágio Supervisionado II, em que trabalhei auxiliando os estudantes da disciplina na

elaboração de projetos de intervenções musicais. Portanto, inicialmente tive que dividir meu tempo entre as atividades da Licenciatura em Música, cursando disciplinas e participando de outras atividades acadêmicas, como a monitoria, e as da gestão cultural do município.

Lembro-me que desde quando iniciei o ofício de gestora de cultura, por falta de formação específica na área foi necessário que eu mobilizasse conhecimentos adquiridos na Licenciatura em Música, curso de graduação no qual vivenciei diversas experiências educacionais, sociais e culturais. Apesar disso, não posso deixar de reconhecer que o desenvolvimento do meu trabalho enquanto gestora cultural foi, em alguma medida, intuitiva e baseada em pesquisas independentes, justamente por falta de capacitação na área. Nesse contexto de formação em uma área e atuação em outra, a construção de pontes entre minha experiência enquanto licencianda em música e meu trabalho à frente da gestão cultural do Município de Belo Jardim proporcionou-me resultados decisivos durante o percurso profissional.

As pontes às quais me referi podem ser exemplificadas na própria experiência de cursar algumas disciplinas, como Produção Musical, ou de participar de atividades oferecidas pelo curso de Licenciatura, como a monitoria, pois essas atividades acadêmicas funcionaram como uma “capacitação” para a elaboração de projetos culturais, por exemplo. Um dos meus primeiros projetos culturais à frente da gestão de cultura foi a elaboração do projeto da Festa das Marocas 2018, no qual os conhecimentos sobre a forma de escrita, a pesquisa que antecede o projeto e até mesmo a forma como deve ser realizado o acompanhamento do mesmo podem facilmente ser creditados às minhas experiências formativas na Licenciatura em Música.

Descobri com o passar do tempo que gerir culturalmente envolvia a educação, quando me dediquei a pesquisar sobre políticas públicas culturais e como fazê-las funcionais na região em que me localizo, além de buscar conhecer os equipamentos culturais do município. O hábito da pesquisa também advém da licenciatura e é desenvolvido, por exemplo, no momento em que fazemos uma diagnose da escola para iniciar um estágio ou quando elaboramos artigos científicos. Portanto, cultura e educação andam de mãos dadas e, para mim que estava simultaneamente em uma licenciatura e à frente da direção de cultura no município, não digo que foi mais fácil, porém menos complicado por possuir conhecimentos que estariam ligados à minha nova função.

Outra ponte importante entre a Licenciatura em Música e a gestão cultural pode ser exemplificada pela experiência de participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), no qual tive a oportunidade de ministrar aulas de canto, durante um ano letivo, culminando em uma apresentação de um coral formado pelas turmas envolvidas no projeto. Foi justamente essa característica de “projeto”, com etapas planejadas e executadas de forma

consciente, que me deu a formação necessária – não sei se suficiente – para atuar na gestão cultural. De certa forma, houve uma semelhança com o meu exercício na Secretaria de Cultura, pois uma das minhas atribuições era a elaboração de projetos culturais e seu acompanhamento. Um projeto de gestão cultural específico depende e necessita de planejamento e execução eficientes para que resultados satisfatórios sejam obtidos. Tais projetos geralmente são constituídos por várias etapas, que devem ser executadas e avaliadas no decurso de sua implementação até a finalização junto à comunidade, seguido por relatório à autoridade competente.

De modo geral, qualquer ação educativa precisa também de um projeto, mesmo que este não esteja sistematizado e formalizado em algum tipo de documento. Até mesmo a mais comum das ações educativas formais, aquela que chamamos de “aula”, necessita de um “plano de aula” para que seja executada de forma viável e satisfatória. Assim, podemos notar uma via de mão dupla ao perceber que a gestão cultural carrega traços da educação e a educação carrega traços da gestão cultural. Diante dessas pontes entre experiência formativa em uma área e atuação profissional em outra, posso afirmar que meu exercício enquanto gestora cultural tornou-se possível – e um pouco menos difícil – mediante a bagagem adquirida na Licenciatura em Música.

Sendo assim, com alguma experiência já acumulada em gestão cultural, hoje entendo que é importante destacar que gestores culturais que não possuem formação na área, assim como eu, necessitam de capacitação em critério emergencial, para sanar as lacunas que podem inviabilizar uma boa gestão que seja transparente, igualitária e impessoal. A Licenciatura em Música preencheu uma parte desta lacuna, mas não posso afirmar que esta seja a formação adequada para o gestor cultural. Neste sentido, Saraiva (2008, p. 3) sugere que:

Se cultura é um sistema de pensamento, valores, hábitos e crenças próprios de um grupo humano, seu modo de conceber a vida e o mundo, os meios de expressão desse sistema e os produtos que dele decorrem, ela é a base essencial para a aplicação de qualquer critério de governança e governabilidade. Vista assim, a cultura passa a ser um elemento fundamental da atividade governamental e um fator decisivo de progresso social. Acentua-se destarte a necessidade de melhorar o desempenho das instituições públicas e privadas diretamente relacionadas com a vida cultural. Verifica-se, conseqüentemente, a necessidade de contar com administradores culturais devidamente qualificados.

Partindo deste conceito, percebo o quão importante foi estar numa Licenciatura em Música para exercer minha função enquanto gestora. Mesmo não sendo uma graduação voltada diretamente à cultura, obtive conhecimentos fundamentais para um bom desempenho como gestora cultural. Admito que carreguei algumas falhas por não ter especialização em gestão

cultural, mas é também necessário reconhecer que algumas delas foram remediadas a partir da licenciatura. Nem por isso defendo que essa situação é uma opção adequada para a formação do gestor cultural. Para os propósitos desta pesquisa, entretanto, foi o contexto da realidade que me permitiu estudar os intercâmbios entre a Licenciatura em Música e a gestão cultural. Assim, esses intercâmbios são tomados como objeto de estudo, mas não como uma justificativa para aceitar que a Licenciatura em Música pode substituir a formação adequada do gestor de cultura.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados apresentados mostram que é possível gerir culturalmente a partir de conhecimentos adquiridos em uma Licenciatura em Música⁴. No entanto, o estudo também deixou claro o déficit na formação de gestores culturais. No contexto desta investigação, compreendo que gestores culturais egressos de uma Licenciatura em Música tendem a ressignificar uma parcela dos conhecimentos e habilidades vivenciados na formação inicial (de professores), adequando-os às novas situações em sua função de gestão cultural.

Contudo, não posso deixar de destacar a importância da formação específica desses profissionais. O fato de que seu desempenho é mais satisfatório quando passam pela formação em uma licenciatura, em especial a Licenciatura em Música (que é o objeto desta pesquisa), pelas ligações que a cultura tem com a educação e a música, deve ser compreendido no contexto de uma comparação com a total ausência de formação, que é o caso da maioria dos gestores culturais municipais, especialmente no interior. Portanto, não existe aqui qualquer sugestão de que a Licenciatura em Música poderia ser uma formação substituta para o gestor cultural. Conclui-se, portanto, que é necessário estruturar melhor a formação do gestor cultural, para que ele tenha condições de desenvolver seu trabalho de maneira eficaz e eficiente.

Por outro lado, este estudo permitiu também uma reflexão sobre a formação oferecida na Licenciatura em Música. Obviamente, as licenciaturas cumprem seu propósito ao formar professores. Não fazem parte de suas preocupações as questões ligadas a outras práticas profissionais. Ainda assim, gostaria de salientar que aqueles aspectos que são comuns à formação do professor e do gestor cultural poderiam ser melhor explorados no curso de Licenciatura em Música, não por causa da gestão cultural, mas por causa da própria função do professor no mundo contemporâneo. Refiro-me especialmente aos conhecimentos ligados à área da gestão, dos projetos, da interdisciplinaridade e da cultura. Todos esses são conhecimentos necessários à função do professor, assim como do gestor cultural. Reforçar a formação do professor nessas áreas significa capacitá-lo para uma atuação mais significativa na sociedade do conhecimento, altamente conectada e flexível, que vem exigindo cada vez mais habilidades além daquelas tradicionalmente associadas à profissão.

⁴ Não se trata de uma generalização. Tenho em mente especificamente a Licenciatura em Música do IFPE, campus Belo Jardim, tal como eu e o Professor X a cursamos. Outros cursos de licenciatura precisariam ser avaliados separadamente.

Por fim, compreendo que é possível ser educador musical e gerir culturalmente, porque a música, a educação e a cultura, estão interligadas. Mas destaco que há muito a se fazer para que gestores culturais e professores de música tenham as necessárias capacitações para atuar no mundo contemporâneo. A formação de professores já é uma realidade consolidada em nosso país, o que não ocorre com a formação de gestores culturais. No entanto, mesmo a formação de professores precisa estar em permanente reflexão e constante diálogo com o contexto em que se insere, se deseja ser relevante e cumprir sua função social. Já a formação de gestores culturais é uma realidade ainda a ser consolidada em nosso país e, por isso, é necessário compreender que os referenciais da formação deverão vir de sua atuação específica, não podendo ser pautados por áreas externas.

Em comum, posso afirmar que as duas áreas possuem uma grande preocupação e um compromisso inegociável com a comunidade, que espera delas um serviço de qualidade, seja na educação musical ou na gestão cultural. O nosso país tem sede de educação musical (e de educação) e tem sede de cultura.

Concluindo, deixo aqui a frase de Leandro Flores: "Um povo sem arte e sem cultura é um povo que não existe".

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Bianca Cruz de; DAVEL, Eduardo. Autoetnografia na pesquisa em administração: desafios e potencialidades. In: CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA (CIAIQ), 7., 2018, Fortaleza. **Atas...** Fortaleza: CIAIQ, 2018. v. 3, p. 194-203.

BARROS, José Márcio. Cultura, mudança transformação: a diversidade cultural e os desafios de desenvolvimento e inclusão. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA (ENECULT), 3., 2007, Salvador. **Anais...** Salvador: UFBA, 2007. p. 1-16.

BENETTI, Alfonso. A autoetnografia como método de investigação artística sobre a expressividade na performance pianística. **Opus**, Universidade de Aveiro, Portugal, v. 23, n. 1, p. 147-165, abr. 2017.

BRASIL. Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília/DF, seção 1, p. 27833, 23 dez. 1996.

COSTA, Anne Valeska Lopes da. **Percursos de inserção profissional**: um estudo com egressos da licenciatura em música da UERN. 2020. 136 f. Dissertação (Mestrado em Ensino) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Universidade Federal do Semiárido, Mossoró, 2020.

CUNHA, Maria Helena. Desafios de uma política pública para a formação de gestores culturais. In: BARROS, José Márcio; OLIVEIRA JUNIOR, José. **Pensar e agir com a cultura**: desafios da gestão cultural. Belo Horizonte: Observatório da Diversidade Cultural, 2011. p. 35-47.

CUNHA, Maria Helena. Gestão cultural: construindo uma identidade profissional. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA (ENECULT), 3., 2007, Salvador. **Anais...** Salvador: UFBA, 2007. p. 1-15.

MONTERO-SIEBURTH, Martha. **La auto etnografía como una estrategia para la transformación de la homogeneidad a favor de la diversidad individual en la escuela**. Disponível em: <https://bit.ly/2YgkjRM>. Acesso em: 2 out. 2021.

OLIVEIRA, Olga Alves de; PENNA, Maura. Impasses da política educacional para a música na escola: dilemas entre a polivalência e a formação específica. **Revista Vórtex**, [S.l.], v. 7, n. 2, ago. 2019. Disponível em: <http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/vortex/article/view/2879/1900>. Acesso em: 05 out. 2021.

PENNA, Maura. **Construindo o primeiro projeto de pesquisa em educação e música**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

SARAIVA, Enrique. A gestão da cultura e a cultura da gestão: a importância da capacitação de administradores culturais. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA (ENECULT), 4., 2008, Salvador. **Anais...** Salvador: UFBA, 2008. p. 1-5.

APÊNDICE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado e participar na pesquisa intitulada Diálogos entre a Licenciatura em música e a Gestão cultural desenvolvida(o) por Maéve Cristina Lucas de Oliveira, fui informado, ainda, de que a pesquisa é orientada por Robson Rodrigues Ribeiro a quem poderei contatar / consultar a qualquer momento que julgar necessário. Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de entrevista semi-estruturada a ser gravada a partir da assinatura desta autorização. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pela pesquisadora e seu orientador. Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Tacaimbó, 26 de janeiro de 2019.

Assinatura do participante: _____

Assinatura da pesquisadora: _____